

A ORAÇÃO DO PAI NOSSO: ANOTAÇÕES EXEGÉTICAS-LITERÁRIAS

Flávio Henrique de Oliveira Silva¹

RESUMO

O presente artigo aborda alguns aspectos elementares a respeito de questões literárias em torno da Oração do Pai Nosso no Evangelho de Mateus. Essas questões devem servir de aporte para estudos exegéticos futuros, desde uma abordagem literária que leva em consideração o próprio Contexto Literário presente nos escritos mateanos, bem como questões de Gênero Literário, chegando, por fim, em questões de Delimitação, Segmentação e Estruturação da perícopes da Oração, a saber: Mateus 6:9-13. O recorte escolhido para as observações pretendidas, até que se chegue na Oração que o Senhor Jesus ensinou, parte do Sermão da Montanha, especialmente no que se refere ao (1) Contexto Literário: Sermão da Montanha e Capítulo 6 de Mateus; e aos (2) Gêneros Literários: Gêneros Literários encontrados no Sermão da Montanha e na Oração do Pai Nosso. No detalhamento da Oração, as observações e anotações são exclusivamente feitas nos cinco versículos que a compõe. Em tempo, vale mencionar que não pertence ao escopo do artigo a sentença inicial: (“Portanto, vós orareis assim” [v.9]); e sentença final: (“...pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!” [v.13]).

¹ Doutor em Teologia pela PUCPR – Bíblia (Exegese/Novo Testamento); Mestre em Teologia pela PUCPR – Bíblia (Teologia Bíblica/Novo Testamento); Especialista em Teologia Bíblica pela PUCPR e em Estudos Teológicos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana; Docente do PPG - Mestrado em Teologia, na Faculdade Teológica Sul Americana, onde ministra disciplinas na área de Bíblia; Pesquisador nas áreas de Bíblia e Cuidado; Pastor Presbiteriano.

PALAVRAS-CHAVE

Oração do Pai Nosso, Evangelho de Mateus, Exegese-Literária

1) CONTEXTO LITERÁRIO

1.1. O Sermão da Montanha

O conhecido Sermão da Montanha é um dos cinco discursos que perpassam o Evangelho de Mateus. Trata-se de um longo discurso de Jesus que se inicia no capítulo 5 e termina no capítulo 7 - a Oração do Pai Nosso aparece no capítulo 6 (v. 9-13). Conforme indicação de Dumais (2014, p.19), percebe-se a divisão do discurso em três partes: 5,3-16; 5,17-7,12; 7,13-27. Antes, 5,1-2 é classificada como introdução e 7,28-29 como a conclusão do discurso, fechando o discurso entre os capítulos 5 e 7². A primeira parte (5,3-16), classificada por Dumais (2014, p.19) como sendo um exórdio, “se forma, assim, dos vv.3-16 do cap.5, isto é, as bem-aventuranças (vv.3-12) e a perícopes do sal e luz (vv.13-16)”. Dumais percebeu que “a troca da 3ª pessoa pela 2ª pessoa, na última bem-aventurança (“Bem-aventurados sois”, vv.11-12), faz a ligação dos vv.13-16 (“Vós sois o sal...”) com as bem-aventuranças”.

² “Em 5,1-2 estão presentes tanto as multidões como os discípulos, mas Jesus parece distingui-los e favorecer os discípulos. Porém, as multidões não se retiram, mas conseguem ouvir o sermão e reagem favoravelmente a ele (7,28-29)” (CARTER, 2002, p.176).

O corpo central, segunda parte do discurso, conforme Dumais (2014, p.19), “está bastante delimitado com a inclusão da fórmula “a lei e os profetas”, em 5,17 e 7,12. A regra de ouro recapitula (“portanto”, no começo de 7,12) todas as instruções sobre o cumprimento da lei e a “justiça” (5,20; 6,1-33), dados no corpo do discurso, que vai de 5,17 até 7,12”.

No interior do corpo central vêm-se dois conjuntos, que constituem as duas primeiras seções: 5,21-48 e 6,1-18. As seis antíteses sobre a lei formam, de fato, um bloco muito homogêneo, unificado pela repetição de fórmula igual (“ouvistes que foi dito... Eu, porém, vos digo”) e pelo enquadramento formado com a repetição do vocábulo “exceder” (5,20 e 5,47); “algo extraordinário”). A segunda seção (6,1-18) está também toda claramente unificada, com a repetição das mesmas fórmulas para os enunciados sobre a esmola (vv.1-4), a oração (vv.5-6) e o jejum (vv.16-18). A inserção do Pai Nosso (vv.7-15) neste último conjunto é uma questão para os intérpretes. A sequência 6,19-7,12 constitui o material mais desarmônico e parece muito menos estruturado. Alguns comentadores renunciam a ver aí uma organização em seções. Outros pensam que o material pode ser reagrupado em dois ou três conjuntos unificados” (DUMAIS, 2014, p.19-20).

Por fim, a terceira parte, (7,13-27), comenta Dumais (2014, p.19-20), “é uma parênese, um convite insistente para conformar a própria vida aos ensinamentos precedentes. Em suma, o texto, de acordo com a proposta de Dumais (2014, p.21), está assim estruturado:

Auditório	5,1-2
Introdução: declarações	5,3-16
A lei e os profetas	5,17-19
Antíteses	5,20-48
Justiça	6,1-6
Pai Nosso	6,7-15
Justiça	6,16-18
Juntar tesouros, preocupar-se, julgar, pedir	6,19-7,11
A lei e os profetas	7,12
Conclusão: exortações	7,13-27
Auditório: reações	7,28-29

1.2. Capítulo 6 de Mateus

Chega-se então ao capítulo 6 em que Morris (1992, p. 135, *trad. minha*) explica que “alguns dos assuntos práticos, ligados à lei, aparecem. [...] As três atividades que ele menciona – a doação de esmolas, oração e jejum – foram particularmente importantes na piedade judaica (a oração é boa quando acompanhada de jejum, esmola e retidão)”. Este capítulo pode ser dividido, segundo alguns exegetas, em três blocos literários menores: versículos 1-18³; versículos 19-24; versículos 25-34.

³ Conforme Betz (1995, p.330, *trad. minha*), há certo consenso entre estudiosos sobre a natureza e a composição de toda a seção 6,1–18. O debate, todavia, permanece em “questões sobre gênero e função literária, autoria e teologia”. O autor entende esta parte em duas seções, segundo ele, “ambas altamente estruturadas e baseadas em ideias teológicas semelhantes, mas não idênticas. Assim, essas seções têm suas próprias características distintas. A primeira seção compreende as partes que tratam de esmola, oração e jejum (6,1-6, 16-18); esta seção originalmente constituía uma unidade por si só. A segunda seção (6,7–15) também trata da oração e é intercalada com a primeira e contém material ainda mais antigo: a oração do Senhor (6,9b-13) e uma lei religiosa referente ao perdão dos pecados (6,14-15).

No primeiro bloco literário (vv.1-18), segundo Zeilinger (2008, p. 155), “a estrutura formal das três instruções nos versículos 2-4; 5-6; 16-18, que se seguem a frase temática (v.1) [a respeito da justiça], no geral, é (mais uma vez) montada antiteticamente”. A diferença, pontua Zeilinger, é que “em meio a duas das instruções assim dispostas, a segunda respeitante à oração (vv. 5-6) e a terceira ao jejum (vv. 16-18), insere-se uma catequese sobre a oração, estruturada diferentemente (vv. 7-15), em cujo centro situa-se o Pai Nosso (vv. 9-13)”. Sendo assim, nota-se que a oração do Pai Nosso encontra-se “emoldurada por uma admoestação contra o modo de orar dos gentios (vv. 7-8) e uma advertência à prontidão em perdoar (vv. 14-15), a qual desenvolve o pedido de perdão do Pai Nosso. O centro do Pai Nosso, portanto, forma um tríptico no qual outro tríptico está incluído”. Para o autor,

O tema da oração, que culmina no Pai Nosso, encontra-se no centro (vv. 5-15), emoldurado por instruções sobre a beneficência (vv.2-4) e sobre o jejum (vv. 5-15). A ênfase recai sobre a oração como a ação central dos cristãos, os quais, orando, estão em comunicação imediata com Deus. A questão, porém, é como esse dirigir-se a Deus em palavra e ação deve acontecer a fim de que essas correspondam ao excedente de justiça que se exige dos cristãos (5,20) (ZEILINGER, 2008, p.155).

Quem também comenta o arranjo do capítulo, especialmente deste primeiro bloco (vv.1-18), é Joachim Jeremias (1979, p.17-19). Ele entende que o texto faz “um esclarecimento sobre as práticas piedosas dos círculos leigos dos fariseus [e que] o Senhor censura a

exibição pública da esmola 6,2-4), da oração (6, 5-6) e do jejum (6,16-18), que eles utilizam para ostentação e vaidade pessoal”. Jesus, ao contrário, “ordena que seus discípulos façam em segredo suas esmolas, preces e jejuns, de sorte que apenas Deus veja estes seus atos”.

Na sequência, Jeremias (1979, p.17-19) classifica os três parágrafos – esmola, oração, jejum – como sendo de “estrutura simétrica”. Em sua argumentação, mostra que “em duas frases, ambas introduzidas por uma oração subordinada temporal, a maneira correta de agir é contraposta à má”. 6,2-3: “Όταν οὖν ποιῆς ἐλεημοσύνην” (“quando deres esmola...”); “σοῦ δὲ ποιῶντος ἐλεημοσύνην” (“tu, porém, quando dares esmola...”); 6,5-6: “Καὶ ὅταν προσεύχησθε” (e quando orardes...); “σὺ δὲ ὅταν προσεύχη” (“tu, porém, quando orares...”); 6,16-17: “Όταν δὲ νηστεύητε” (“quando jejuardes...”); “σὺ δὲ νηστεύων” (“tu, porém, quando jejuares ...”)⁴. Ele explica ainda que “apenas o parágrafo central, o que trata da oração (6,5-6) é acrescido de três outras sentenças de Jesus sobre o mesmo tema. Em suma, o autor faz a mesma consideração já apontada nos escritos de Zeilinger, quando afirma: “aqui temos, portanto (Mt 6,5-15), um catecismo sobre a oração, composto de frases de Jesus e provavelmente utilizado para instruir os neófitos”.

⁴ Alguns exegetas sugerem que os três “quando” (esmolas, oração e jejum) formam o seguinte esquema: “eu-outro”; “eu-Deus”; “eu-eu”. A combinação das três dimensões relacionais trazem um pequena noção do Shalom.

No segundo bloco literário do capítulo (vv.19-24), nota-se um imperativo que indica a busca pelos tesouros celestiais em contraposição aos tesouros terrenos (v.19-21: “Μὴ θησαυρίζετε ὑμῖν θησαυροὺς ἐπὶ τῆς γῆς [...] θησαυρίζετε δὲ ὑμῖν θησαυροὺς ἐν οὐρανῷ...” “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra [...] mas ajuntai para vós outros tesouros no céu...”)⁵. Associado a este imperativo, o texto aborda o problema da cobiça (v.22-23), o que faz através de uma metáfora com olhos: “...ἐὰν οὖν ἦ ὁ ὀφθαλμὸς σου ἀπλοῦς [...] ἐὰν δὲ ὁ ὀφθαλμὸς σου πονηρὸς...” (“...se os teus olhos forem bons [...] se, porém, os teus olhos forem maus...”). Por fim, no versículo 24, a perícopé aponta a incompatibilidade entre servir dois senhores: Deus e Mamom. Para Zeilinger (2008, p.210), “os três ditos, paralelamente à função de um comentário que aprofunda as “petições-tu” do Pai Nosso, possuem também uma tarefa condutora”. O autor entende que “a tríada suscita a impressão de que (1) o ajuntar tesouros no céu (vv. 19-21) só é possível àquele que (2) possui um olho singelo e que permite enxergar corretamente (vv. 22-23). Somente assim ser-lhe-á claro que ele (3) não pode servir a dois senhores (v.24).

O terceiro e último bloco literário (vv.25-34) é marcado pelas afirmações-perguntas (“Quanto mais...?”. “Olhai as aves do céu...

⁵ “Esta perícopé, bem construída, inscreve-se na tradição sapiencial do judaísmo. [...] As imagens utilizadas são expressivas para o ambiente palestinese, onde é comum que a traça corra. [...] A noção de um tesouro celeste, não sujeito à corrupção, é usual no judaísmo. [...] O tesouro procurado mostra onde se coloca o coração” (DUMAIS, 2014, p.76-77).

Não valeis vós mais do que elas? Olhai os lírios do campo... não fará ele muito mais por vós?” (6,26; 28-30)”), representam “um dispositivo retórico usado pelos rabinos bem como pelos gregos, e as perguntas absurdas e as perguntas que requerem a resposta “não” são também estratégias familiares nos discursos do lugar e da época” (ALTER; KERMODE, 1997, p.421-422). A resposta a tal situação está na confiança em um Deus que provê comida, bebida e vestuário, isto é, as necessidades básicas para a vida. A busca, em primeiro lugar, pelo reino e por sua justiça praticamente encerra o capítulo, delimitando-o a partir da temática da justiça, presente tanto no início (v.1) como no final do capítulo (v.33).

2) GÊNEROS LITERÁRIOS

2.1. Sermão da Montanha

O estudo dos gêneros literários na Oração do Pai Nosso pede, antes, pela compreensão dos gêneros encontrados no Sermão da Montanha. Conforme pontuou Betz (1995, p.70, *trad. minha*), “a discussão a respeito da conformidade do Sermão da Montanha com um gênero literário conhecido foi levantada apenas nos tempos modernos”. Desde Agostinho⁶, diz Betz, “tem sido tradicionalmente

⁶ Betz (1995, p.70, *trad. minha*) explica que “Agostinho usava o termo sermão como um compêndio, uma descrição de gênero ainda não usada por ele nesse contexto, mas só mais tarde por Erasmo, que o tornou aceitável. Com toda a probabilidade, o termo alemão frequentemente usado por estudiosos posteriores, “*Zusammenfassung*” (“resumo”) foi derivado de Erasmo, ou de Calvino, ou de ambos. O termo pode remontar ao conceito de Papias de σύνταξις τῶν κυριακῶν λόγων (“coleção de ditos dominicais”).

tratado como um “sermão”⁷. Esta classificação, no entanto, defende o autor, “não é satisfatória já que sermão é uma categoria muito ampla. Ainda que Mateus faça do Sermão da Montanha o primeiro dos grandes “discursos” inseridos no quadro de sua narrativa, refere-se a ele pelo termo οἱ λόγοι (“os ditos”) e ἡ διδασχί (“o ensinamento”) de Jesus e não o seu λόγος (“fala/diálogos”)

Segundo os pesquisadores, o Sermão da Montanha enquadra-se em pelo menos dois gêneros literários. O primeiro deles é gênero parenético (parênese)⁷. Este pode ser classificado como um tipo de sermão e nos sinóticos encontra-se, especialmente, na coleção de ditos/discursos de Jesus no Sermão da Montanha. Vielhauer (2005, p.79) explica que uma parênese (= discurso de admoestação) no sentido histórico-formal “é um texto que encadeia admoestações de conteúdo ético geral”.

Esta também é parte da caracterização defendida por Rodrigues (2004, p.129-130), a qual destaca a forma imperativa que, por natureza, “propõem, e as vezes até impõem, as regras do bom agir”, ou seja, caracterizam-se por “exortações que orientam o comportamento de seus leitores. Seu conteúdo é moral porque

⁷ Em seu texto a respeito da caracterização deste gênero literário, Vielhauer (2005, p.83) defende a tese de que a parênese cristã-primitiva não é uma criação cristã, e, por isso, “distingue-se da maioria dos textos”. Segundo o autor, “ela não tem apenas paralelas no ambiente judaico e helenista, antes, tem ali suas raízes”. Para Vielhauer, “a parênese de ditos era praticada tanto na tradição sapiencial literária e popular do judaísmo quanto na filosofia popular helenista. O judaísmo helenista usou formas literárias e conteúdos éticos da filosofia popular para fins de sua propaganda missionária e apologética”.

pretende apontar o que o autor julga ser o certo. Não precisa ser moralista, pois não é uma ordem cega que se impõe sem que se considere a consciência madura de fé”. Conforme suas pesquisas, a autora defende que “a Bíblia está cheia de textos parenéticos”. Como exemplo, sugere a leitura do profeta Isaías (56,1), no qual “o discurso do profeta é uma parênese sobre a necessidade da prática do direito e da justiça”. Outras características da parênese podem ser encontradas nos escritos de Vielhauer.

Para que possam ser guardados com mais frequência na memória, usa-se com frequência o recurso mnemotécnico das palavras-chave, de modo que surgem séries de ditos, ou os ditos são ligados tematicamente em grupos de ditos; no entanto, o ordenamento dos grupos não obedece a nenhum esquema fixo. Assim como ditos avulsos são compilados tematicamente, também o tema de um único dito pode tornar-se objeto de um tratado, que o explica e aplica. De acordo com Dibelius, essa forma o nome de “parênese executada (VIELHAUER, 2005, p.81).

Vale ainda mencionar o “valor circunstancial das parêneses”. Rodrigues (2004, p.130) explica que “tratam-se de “orientações dirigidas a públicos específicos, em situações bem particulares”. Esta ideia é também defendida por Vielhauer (2005, p.79). “Normalmente os ditos se dirigem a um endereço determinado (ainda que, talvez, fictício), ou possuem no mínimo a forma de uma ordem ou de uma conclamação”. O fato de se dirigir a um público específico (endereço determinado) não significa a ausência de

exortação no trato com os de fora. Pelo contrário, Rodrigues (2004, p.130) alerta que “por vezes reforçam atitudes que distinguem o comportamento dos “de dentro” em relação aos “de fora””. Para a autora, “o Sermão da Montanha é um bom exemplo desse tipo de parênese”⁸.

Ao escrever sobre a parênese, Berger (1998, p.122) cita também o Sermão da Montanha. Para o autor, “o contexto do Sermão da Montanha permite concluir que se trata de uma parênese protréptica”. Sua tese gira em torno da percepção de que uma “nova justiça abre, por si mesma, uma perspectiva para um futuro que não poderá mais a todos que tomam e recebem”. Nestas exigências, diz ele, “como na antiga parênese grega, está o compromisso/comportamento social”, tema que o próprio Berger (1998, p.118) já havia alertado anteriormente, ou seja, “a ética social pertence aos temas mais importantes da parênese”.

Caminhando agora para o *Sitz im Leben* das parêneses, cabe o diálogo com Wegner (1998, p.198), para quem “o conteúdo fortemente parenético da maioria dos ditos, parábolas e imagens empregados por Jesus torna plausível a hipótese de que seu lugar

⁸ Para Berger (1998, p.122), a relação do Sermão da Montanha com a parênese não está apenas na aplicação de conteúdos, mas especialmente na similaridade de sua estrutura: “em sua estrutura, as bem-aventuranças imitam simplesmente o exemplo das séries de orientações parenéticas. Tanto as antíteses como as bem-aventuranças podem ser consideradas séries parenéticas: em forma diferente, mas ainda claramente reconhecíveis como tais”.

vivencial era a catequese⁹, como local de instrução de recém-convertidos”. Vale destacar a compressão do autor a respeito das “orientações de cunho ético”, já que eram parte do conteúdo fundamental. Wegner cita Dibelius, que “enquadra os ditos na atividade parenética das primeiras comunidades”. Como argumento, “reporta-se ao apóstolo Paulo, que igualmente usa ditos de Jesus para subsidiar sua parênese (cf. 1Co 7,10 e 9,14;)”. De forma mais precisa, o lugar vivencial da parênese para Dibelius se encontra em seu texto, conforme segue:

Os ditos de Jesus foram reunidos originalmente para fins parenéticos, para dar às comunidades, através das palavras de Jesus, conselho, orientação e mandamento. Além desta intenção primordial, o autor refere-se ainda a uma segunda intencionalidade dos ditos de Jesus: eles também deveriam fornecer subsídios às comunidades sobre a própria natureza da pessoa de quem dão testemunho, a saber, de Jesus (DIBELIUS, Apud WEGNER, 1998, p.366-367).

Vielhauer (2005, p.85), por sua vez, destaca que “a parênese escrita é recordação e repetição da parênese oralmente transmitida.

⁹ Para Betz (1995, p.73, *trad. minha*) o ambiente catequético aplicado ao Sermão da Montanha “é assim entendido desde que Alfred Seeberg tentou reconstruir um catecismo batismal cristão primitivo”. Na opinião de Seeberg, descreve Betz, “esse catecismo consistia em três partes e integrava materiais mais antigos de um catecismo prosélito judaico”. Argumentos a favor desta tese são desenvolvidos a partir da perspectiva de que “em seu sentido mais amplo, grande parte da literatura sapiencial do judaísmo helenístico pode ser chamada de “catequética”, desde que seu contexto fosse para fins de ensino/ pedagógicos”. Não é por acaso que o Sermão da Montanha e o Sermão da Planície são frequentemente mencionados nestes contextos.

Ela, portanto, foi repassada logo desde o início da pregação missionária”. Quando mais precisamente se refere ao lugar vivencial da parênese, o autor cita o fato de que “ela era de grande importância na instrução batismal dos catecúmenos; mas não estava restrita a ela, e, sim, também foi inculcada sempre de novo aos já batizados. Porque isso se fazia necessário”.

Além da parênese, o segundo gênero literário identificado pelos estudiosos é o gênero protréptico (ou parte dele)¹⁰, já citado no parágrafo anterior como um tipo de parênese. Como exemplo, Berger (1998, p.67) cita o “Sermão da Planície” (Lc 6) e mais uma vez o “Sermão da Montanha” (Mt 5-7). Do ponto de vista de sua estrutura, este autor explica que “é importante observar que nos dois casos a introdução e a conclusão são de natureza claramente protréptica, o que determina o gênero da composição inteira”. Como característica, cita que “um protreptikós está no início do ensinamento (de fato, os dois sermões representam o primeiro discurso de Jesus nos respectivos Evangelhos, Mt e Lc)”. A estratégia, nesse caso, é “conquistar fundamentalmente e definitivamente o ouvinte para o caminho pelo qual terá de enveredar”.

¹⁰ Gênero literário cuja característica é a exortação à virtude, ou ainda a consolação em meio a dor. O *protreptikós*, nas palavras de Berger (1998, p.67), “é uma visão abrangente em que são discutidas duas possibilidades do caminho da vida”.

Especificamente em Mateus, o gênero protréptico se caracteriza da seguinte forma: “as antíteses do sermão falam da velha e nova maneira de entender a vontade de Deus”. Nesse caso, existem “duas possibilidades de decisão: a do Evangelho e a dos fariseus que se lhe opõem”. Outro detalhe é de que “toda a perícopos 5,2-48 (bem-aventuranças – chamamento à verdadeira justiça – antíteses) forma, portanto, uma única e coerente delimitação”. Por fim, As promessas de recompensa (bem-aventuranças – demonstração dos verdadeiros valores diante de Deus: Mt 6,1-34, ensinamentos sobre a medida em 7,1-12, e a remuneração) devem pôr diante dos olhos as vantagens deste caminho, também nas suas perspectivas para o futuro” (BERGER, 1998, p.67).

Sendo o texto da oração do Pai Nosso, no Evangelho de Mateus (6,9-13), parte integrante do Sermão da Montanha (Mt 5-7), cabe a pergunta pela aplicabilidade das características dos gêneros literários, vistos até aqui, também no texto pesquisado. No caso da parênese, algumas de suas características centrais, como, por exemplo, seu caráter admoestativo e seu imperativo ético-social, contribuem para uma das questões fundamentais da pesquisa, ou seja, as sentenças da oração do Pai Nosso, além de textos litúrgicos e catequéticos, são discursos de engajamento frente aos desafios da injustiça no contexto daquela comunidade. No caso do gênero protréptico, a oposição entre Evangelho e o modelo religioso dos fariseus não significou apenas uma forma diferente de oração no

momento litúrgico, mas a revelação do verdadeiro sentido do ato cúlctico e sua íntima relação com a vida.

2.2. Oração do Pai Nosso

Estudiosos apontam que a oração do Pai Nosso pode estar entre o material que foi classificado como ditos legais. Conforme Wegner (1998, p.201-202), esses ditos “retratam uma determinada ideia ou tomam posição definida frente à lei ou piedade judaicas”. O autor cita o texto de Mt 6,2-18 como exemplo e defende que nele “as assertivas são construídas sempre segundo um mesmo esquema de negação seguida de proposição: “Quando deres esmola, não te ponhas a trombetear em público...Tu, porém, quando deres esmola...” (6, 2-4; da mesma forma 6,5-13; 6,16-18)”. Para Wegner, “também os ditos legais das antíteses do Sermão da Montanha são apresentados dentro de um esquema formal idêntico, a saber: posição dos adversários + posição própria”. Ele mostra esse esquema à luz de Mt 5,21s. “Posição contrária: ouvistes o que foi dito aos antigos: não matarás...”; Posição própria: “eu, porém, vos digo: todo aquele que se encolerizar contra o seu irmão, terá de responder no tribunal...”.

Nota-se pelo exemplo indicado que “muitos ditos legais também recorrem a textos específicos do AT ou à Escritura em geral para justificar ou fundamentar a nova posição diante da antiga”. Em suas pesquisas a respeito dos ditos legais, Vielhauer menciona a tese de Bultmann e faz as seguintes considerações:

a) Nas leis Bultmann também inclui “ditos” que se posicionam perante a lei ou a espiritualidade judaica, especialmente, porém, dois outros tipos: palavras que, formuladas no estilo de leis, têm no primeiro membro uma condição, e no membro posterior um imperativo ou uma afirmação que tem o sentido de uma determinação legal. [...] Palavras que, por meio de uma palavra de Escritura ou ao menos sob invocação das Escrituras justificam ou fundamentam a nova concepção em relação às antigas; b) Regras para a comunidade, prescrições para a comunhão cristã. [...] Nesse complexo Jesus aparece como rabino que interpreta as exigências da lei, da vontade de Deus para o indivíduo e para a comunhão. Ditos do Senhor desse tipo foram colecionados no interesse da parênese e da disciplina da comunidade” (VIELHAUER, 2005. P.324).

Além dos ditos legais, a oração se enquadra nas características dos ditos sobre o discipulado e, ainda, de uma poesia (gênero poético)¹¹. De forma ainda mais específica, a hipótese é de que o texto pode ser classificado como um poema didático. Rodrigues (2004, p.113-114) explica que “na Bíblia, encontramos muitos poemas didáticos”, e que eles “nasceram como forma de educação popular”. Entre outros objetivos, “eram usados para chamar o povo à reflexão sobre a vida e seus desafios”. A autora complementa: “o poema didático é, pois, um texto que nasce da observação profunda da realidade, e é construído de forma a ser

¹¹ Quando o assunto for a estrutura do texto no Evangelho de Mateus, a argumentação será de que o texto está arranjado em versos reforçando, portanto, essa tese.

decorado, cantado, meditado, guardado no coração e na memória para as horas em que é necessário dar sentido aos acontecimentos da vida”. Pesa em favor do argumento que classifica o texto como ditos sobre discipulado e/ou poesia didática o *Sitz im Leben* da oração, que era justamente a catequese, o lugar próprio para o ensino.

Quanto ao lugar vivencial da oração, Vielhauer (2005, p.65) menciona o fato de que “as orações cristãs-primitivas naturalmente têm seu lugar vivencial não somente no culto da comunidade, e, sim, também na esfera pessoal”. Já Joachim Jeremias (2006, p.53) destaca que “a catequese da oração em Mateus fala a homens que desde a sua meninice tinham aprendido a orar; o perigo para suas orações estava na rotina”. Quanto à oração segundo Lucas, por outro lado, “fala a homens que antes de tudo devem aprender a orar e necessitam ser animados a isso”. Para o autor, não há dúvida: “Mateus nos transmite uma instrução sobre a matéria, destinada a cristãos de origem judaica; Lucas, de sua parte, expõe uma catequese para cristãos procedentes dos gentios”.

A respeito dos aspectos catequéticos-litúrgicos no ambiente vital dos discursos de Jesus, que inclui a oração do Pai Nosso, Leonel (2013, p.108-109) faz uma ressalva importante. Para ele, “O fato de os discursos serem definidos como ensinamento e catequese traz como consequência a visão de que são textos com maior relaxamento”. Isto é, “o leitor, de certa forma, se desprende das tensões para receber conceitos de vida cristã, que podem ser facilmente transformados em proposições dogmáticas”. A antítese

de Leonel, nesse caso, ganha força de argumentação à luz das observações de Kermode, que identifica a “presença do ‘excesso’ nos textos”. Para Leonel, portanto, “a consciência dessa ética de excesso restaura a força do impacto que os discursos exercem nos leitores, anulando, em contrapartida, o tom professoral, e assumindo o de radicalização e urgência”.

3) ESTRUTURA LITERÁRIA DA ORAÇÃO

Depois de analisar os contextos literários em torno do texto da oração do Pai Nosso, a pesquisa agora deve se ocupar com a unidade literária de Mateus 6, 9-13. Apenas como esclarecimento, vale lembrar que unidades literárias, conforme as palavras de Gabel e Wheeler (2003, p.173-174), “são os principais blocos de construção de que os Evangelhos foram compostos”, e que o “termo técnico para essa unidade de composição é ‘perícopes’ (do grego, significando ‘cortada em torno’)”. Gabel e Wheeler explicam que “em seu sentido original o termo referia-se a algo separado ou extraído de um contexto mais amplo; mas em seu uso na crítica bíblica, ‘perícopes’ refere-se às unidades independentes que, quando reunidas constituem uma obra total”.

À luz da definição de Gabel e Wheeler acima, cabe ressaltar que nesta etapa de análise, o foco principal está em seu estudo independente (perícopes de Mateus 6, 9-13), já que em outros momentos, a atenção esteve (estará) no uso da perícopes a partir da obra total. Seguindo os passos exegetico-metodológicos propostos, a pesquisa se ocupará com a delimitação, segmentação e

estruturação, além de breves anotações a respeito da composição gramatical da perícopes.

3.1. Delimitação

Uma boa maneira de começar a delimitar é notar as perícopes anteriores e posteriores ao texto estudado e, assim, descobrir se uma ou mais marcas linguísticas confirmam a delimitação do texto conforme sua compreensão inicial. Em uma das seções anteriores, notou-se que o capítulo 6 de Mateus pode estar estruturado em 3 blocos literários: (1) vv.1-18; (2) vv.19-24; (3) vv.25-34. A oração, portanto, faz parte do primeiro bloco cuja abertura gira em torno da temática da justiça, no primeiro versículo.

O primeiro bloco do capítulo 6 (vv.1-18), do qual faz parte oração do Pai Nosso, trata das “Recompensas de Deus”. A ideia central é de que, para obter tais recompensas, “os narratários (que são os discípulos e a multidão que ouvem o discurso) de Jesus deveriam praticar obras de justiça de maneira discreta, para que só Deus testemunhasse seus atos e os recompensassem”. Na sequência, a partir do versículo 2, “há um grupo de perícopes que servem de exemplos práticos dessa premissa”. A ênfase está na “oposição entre o comportamento “reprovável” dos fariseus, que buscam recompensas dos homens ou terrenas, e o comportamento esperado dos “justos”, que deveriam agir somente para agradar a Deus e por isso não recebem recompensas terrenas” (LIMA, 2012, p.128).

Embora exista uma certa unidade temática entre as perícopes deste bloco (bem como em todo o capítulo), nota-se pelo menos cinco perícopes e o tema central de cada uma é pormenorizado. A primeira perícope do capítulo, versículos 2-4, pode ser delimitada pela mudança de assunto, a doação de esmolas. Em tese, a segunda perícope refere-se aos versículos 5-15, e corresponde aos seguintes temas: oração, a oração do Pai Nosso, o perdão. A opção de pesquisa, todavia, é pelo desdobramento da perícope em três unidades menores: (1) oração – texto em prosa; (2) oração do Pai Nosso – poesia; (3) Em tese, um anexo explicativo sobre perdão em referência ao texto da oração – texto em prosa novamente. Nesse caso, a quinta e última perícope deste bloco diz respeito aos versículos 16-18, cuja temática é o Jejum.

Ainda sobre o possível anexo explicativo sobre o perdão, é preciso salientar que, ainda que haja na oração uma petição pelo perdão, não se trata de perdão pelos mesmos motivos, deixando certa dúvida sobre a completude do tema na perícope seguinte. O texto da oração pede pelo perdão das dívidas (ὀφειλήματα): καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν (“e perdoa a nós as dívidas nossas...”), ao passo que os versículos seguintes se referem ao perdão de ofensas (παραπτώματα): Εὐὰν γὰρ ἀφήτε τοῖς ἀνθρώποις τὰ παραπτώματα αὐτῶν (“se, pois, perdoardes às pessoas as ofensas delas...”).

Optando, portanto, pela conclusão de que o bloco literário em que aparece a oração do Pai Nosso está estruturado em 5 perícopes, opta-se pela tese de que o texto da oração (vv. 9-13) constitui uma

perícopes única. Sendo este, portanto, o recorte da pesquisa. Além dos argumentos acima, os motivos por este recorte textual se dão, primeiro, pelo reconhecimento de que a seção sobre a oração (vv. 5-15), que em tese constituía uma única perícopes, “destoa significativamente das seções sobre a esmola e o jejum porque aqui, ao trazer a ‘oração do Pai Nosso’ com um enxerto feito no texto, fica evidente a quebra da linguagem discursiva”.

Além disso, é possível notar que “a argumentação não precisava desse exemplo, e as perícopes até estariam mais padronizadas formalmente sem ela”. Há ainda a questão do gênero literário: (3) “a oração apresentada como um exemplo nos transporta para outro gênero literário, ela pede em vez de ensinar, é formada por frases breves e não se ocupa com a argumentação das seções anteriores, ou com a deslegitimação dos fariseus”. Por tudo isso, conclui-se que (4) “a oração possui vida própria, é completa em si mesma, embora na exegese não devamos jamais nos esquecer de seu contexto literário, o que no Evangelho de Mateus é essencial para sua leitura” (LIMA, 2012, p.130).

3.2. Segmentação

Conforme descreve Zabatiero (2007, p.37), a segmentação de um texto é o procedimento pelo qual se verifica em quantas partes se subdivide uma perícopes, através das mesmas marcas linguísticas da delimitação. A diferença entre uma e outra é que a segmentação é restrita aos limites da própria perícopes e “não é necessário que

ocorram tantas marcas como no caso da delimitação”. Compreende-se que o texto da oração pode ser segmentado em três partes (três segmentos):

Primeiro Segmento - invocação	
Pai nosso o (que está) em os céus (Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς)	v.9

Segundo Segmento - três primeiras petições	
seja santificado o nome teu (ἀγιασθήτω τὸ ὄνομά σου·);	v.9
venha o reino teu (ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου·);	v.10
seja feita a vontade tua (γενηθήτω τὸ θέλημά σου)	

Terceiro Segmento - quatro últimas petições	
o pão nosso o de cada dia dá a nós hoje (τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον·)	v.11
e perdoa a nós as dívidas nossas, (καὶ ἄφεξ ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν)	v.12
e não conduzas a nós para (a) tentação (καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν·);	v.13
mas livra a nós de o maligno (ἀλλὰ ρῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ.)	

No primeiro segmento aparece uma invocação: Pai nosso o (que está) em os céus (Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς). “Pai - Πάτερ” além de suas caracterizações como pessoa, é um vocativo comum em orações, cuja função é invocação, clamor, súplica. O segundo segmento compreende as três primeiras petições: (1) seja santificado o nome teu (ἀγιασθήτω τὸ ὄνομά σου·); (2) venha o reino teu (ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου·); (3) seja feita a vontade tua (γενηθήτω τὸ θέλημά σου). Para Nieto (2001, p.22-23) “O Pai Nosso constitui

uma peça literária mestra. [...] Foi formulada com ritmo, com rima e simetria, características estas que aparecem de maneira mais clara no original grego”. O autor, então, percebeu que nas três primeiras petições que constituem o primeiro segmento, há três expressões optativas, com três verbos no tempo aoristo e três pronomes possessivos que acompanham três substantivos, assim estruturados.

Verbo	Pronomes possessivos	Substantivo
Santificado seja - ἁγιασθήτω	Teu - σου	nome - τὸ ὄνομά
Venha - ἐλθέτω	Teu - σου	reino - ἡ βασιλεία
Seja feita - γενηθήτω	Tua - σου	vontade - τὸ θέλημά

Para Lima, “o uso constante do tempo aoristo nos verbos nos induz à compreensão de que estas ações já estão concluídas, como se estes pedidos estivessem falando de dádivas que já foram concedidas, pelo menos numa dimensão metafísica ou celestial”. O autor defende sua tese argumentando que a oração gira em torno de temas já trabalhados na teologia do proto-cristianismo, no Evangelho de Mateus”. Para ele,

independente da oração, já se sabia que o nome de Deus era santo, que o reino viria, que a vontade de Deus seria realizada um dia, que Deus sempre supre as necessidades dos seus, etc. Mas apesar disso tudo, o leitor é instruído a orar, pedir pela realização dessas coisas que talvez já estejam previstas, o que em cada caso possui implicações próprias (LIMA, 2012, p.135).

O terceiro, e último segmento, compreende as quatro últimas petições¹². (1) o pão nosso o de cada dia dá a nós hoje (τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον·); (2) e perdoa a nós as dívidas nossas, como também nós temos perdoado aos devedores nossos; (καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν·); (3) e não conduzas a nós para (a) tentação (καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν·); (4) mas livra a nós de o maligno (ἀλλὰ ρῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ.). Nieto (2001, p.23) destaca que neste segmento o texto está organizado em três imperativos: (1) Dá a nós (δὸς ἡμῖν); (2) Perdoa a nós (ἄφες ἡμῖν); (3) Livra a nós (ρῦσαι ἡμᾶς). Além disso, aponta três adjetivos possessivos: (1) o pão nosso (τὸν ἄρτον ἡμῶν); (2) as dívidas nossas (τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν); (3) aos devedores nossos (τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν).

3.3. Estruturação

Conforme descreve Zabatiero (2007, p.37), a estruturação “é o procedimento de identificação dos tipos de arranjo, de ordem das partes em que divide a perícope”. Alguns estudiosos defendem que a oração do Pai Nosso está estruturada em seis pedidos. Os três

¹² Existem algumas divergências entre os exegetas a respeito da quantidade de petições neste segmento: três ou quatro. Três, se consideramos que “não conduzas a nós para (a) tentação, mas livra a nós de o maligno”, compõem uma única petição. Quatro, se dividirmos a petição em duas partes: (1) “não conduzas a nós para (a) tentação” (2) “livra a nós de o maligno”. Minha opção é pela segunda hipótese, isto é, quatro petições.

primeiros, segundo Storniolo (1991, p.62-63), são pela humanidade: “que todos reconheçam o Pai (nome) que seu reino de justiça se realize (reino), trazendo para o mundo a vida que Deus quer para todos (vontade)”. Os três últimos, segundo o mesmo autor, são pela comunidade: “que Deus conceda o necessário e suficiente para ela viver (pão), que Deus a perdoe assim como ela perdoa seus inimigos (perdão), e que o Pai não permita que a comunidade sucumba às tentações da injustiça (tentação)”.

Lima (2012, p.134-136) concorda com seis petições. Para ele, nesse caso, “a oração fica devidamente emoldurada por duas linhas que relacionam fortemente o conteúdo do texto ao seu narratário exemplar, que é Deus”. Ao contrário de Storniolo, porém, Lima faz observações críticas quanto “tentativa de dar uma unidade temática à oração”. Ele cita o comentário de C. D. Allison, o qual “sugeriu que os três primeiros imperativos tratam do senhorio de Deus, e que os demais das necessidades humanas”. Lima entende que o fruto dessa análise é dividir tematicamente a oração em duas partes: “uma dedicada ao céu e outra à terra”.

Para Joachim Jeremias (1979, p.24) “é característico também que em Mateus a estrutura estilística seja elaborada de modo mais consistente”. Para o autor, tal consistência se aplica da seguinte forma: “às três petições referentes a Deus correspondem neste evangelista três petições referentes a nós (as duas últimas eram consideradas como uma só)”. Jeremias nota também que “a terceira destas petições (“não nos submetas à tentação”), cuja brevidade em

Lucas tem algo de abrupto, encontra-se em Mateus assimilada, na extensão como na forma, às duas primeiras”. Ele explica que “este esforço para obter a harmonia da articulação (parallelismus membrorum) é característico da tradição litúrgica”.

Contrariando os autores mencionados até então, a opção da pesquisa é pela estruturação da oração em sete petições e não seis, conforme já ficou evidente na segmentação da perícopes. Para Nieto (2001, p.25), “o Pai Nosso consta de sete petições, conforme já assinalou santo Agostinho, e não seis, como sustentam não poucos exegetas”. O argumento do autor é de que a sexta e sétima petição podem mesmo dar a ideia de uma mesma petição. Todavia, trata-se de um dístico¹³ em paralelismo antitético, “em que se afirma a mesma coisa, uma vez de forma negativa – não nos deixes cair em tentação – e outra de forma positiva – livra-nos”.

Prevalece na oração a estrutura poética, comum em textos litúrgicos da época. Joachim Jeremias (1979, p.30) entende que “Se tentarmos retraduzir o Pai Nosso na linguagem de Jesus, o texto que obteremos, em termos de estilo, estará na linha da linguagem litúrgica do Saltério”. Ele defende a tese de que “mesmo não tendo familiaridade alguma com os idiomas semitas, o leitor poderá reconhecer os traços característicos desta linguagem solene: a articulação em paralelismos, o ritmo em dois acentos e a rima dificilmente podem ser efeitos do acaso”.

¹³ Expressão de uma ideia em dois versos.

para expressar suas ideias. Trata-se de um recurso empregado mais na poesia do que na prosa”. Na sequência de suas explicações, o autor esclarece que “na pesquisa cunhou-se a expressão *parallelismus membrorum* (paralelismo de membros)”. Por *parallelismus membrorum* entende-se “um meio usado para expressar posicionamentos e conteúdos em que as frases de um versículo (ou, excepcionalmente, mais versículos) estão dispostas de tal maneira que duas linhas (ou membros) de um mesmo período se correspondem”. Em sua opinião, “Jesus, como judeu e filho de sua época, usou alternadamente os diversos tipos de paralelismo”. Para Horst Preuss “o mais provável é que tal recurso fosse utilizado sob a forte convicção de que é necessário mais do que uma única sentença para alcançar a essência da realidade, a partir da consideração de vários aspectos a ela inerentes” (*apud* WEGNER, 1998, p.91).

A aplicação dos paralelismos no texto da oração foi desenvolvida por Gama (2010, p.35-36). Ele classifica a segunda e a quinta estrofe como sendo paralelismos sintéticos, e a terceira e quarta estrofe como paralelismos sinonímicos. No paralelismo sintético “a segunda linha expressa uma continuação da ideia contida na primeira, acrescentando novos aspectos ou explicações”. No paralelismo sinonímico, “a mesma ideia é repetida com outras palavras”. À luz desta teoria o texto está assim estruturado:

<p>venha o <u>reino teu</u> - ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου seja feita a <u>vontade tua</u>, como em (o) <u>céu</u> também sobre (a) <u>terra</u> γενηθήτω τὸ θέλημά σου, ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς</p>	<p>2ª Estrofe Paralelismo Sintético</p>
<p>o pão nosso o de <u>cada dia</u> dá a nós <u>hoje</u> τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον</p>	<p>3ª Estrofe Paralelismo Sinonímico</p>
<p>e <u>perdoa a nós</u> as <u>dívidas nossas</u>, como também nós <u>temos perdoado</u> aos <u>devedores nossos</u>. καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν</p>	<p>4ª Estrofe Paralelismo Sinonímico [em grau de comparação]</p>
<p>e <u>não conduzas</u> a nós para (a) <u>tentação</u> - καὶ μὴ εἰσενέγκης ἡμᾶς εἰς πειρασμόν mas <u>livra</u> a nós de o <u>maligno</u> - ἀλλὰ ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ</p>	<p>5ª Estrofe Paralelismo Sintético</p>

Gama (2010, p.36-37) apresenta ainda outras formas de estruturação, bem ao estilo poético, o qual, para o autor, “encontrasse bastante definido” no texto da oração. Sua hipótese é de que “as petições iniciais (1ª e 2ª) e finais (6ª e 7ª) estão dispostas em versos simples, enquanto que as petições do meio (3ª, 4ª e 5ª), em versos compostos”. Nota-se, nesse tipo de estruturação, a ênfase nas petições, deixando de lado a introdução e o vocativo da oração na perícope.

A introdução “assim pois orai vós” - οὕτως οὖν προσεύχεσθε ὑμεῖς (v.9), conforme Lima (2012, p.131), “costura a oração à seção discursiva do capítulo 6 de Mateus”. Nesse caso, “cumpre uma

função importante para a ordem do discurso, mas ela ainda é externa à oração”. Ainda assim, vale constar que o advérbio de modo “assim” - οὕτως (οὕτω) indica de qual maneira se deve, então, fazer alguma coisa (orar). Ele é acompanhado pela conjunção adversativa “pois” - οὖν, isso mostra que além de introduzir a oração, o autor indica no Pai Nosso um contraponto ao modelo de oração criticado nos versículos anteriores. O imperativo “orareis” - προσεύχεσθε, seguido do pronome pessoal “vós” ὑμεῖς, completam a introdução.

A oração, então, se inicia com a frase seguinte: “Pai nosso o (que está) em os céus” - Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς. Em diálogo como Louw e Nida (2013, p.127), entre outros, nota-se que o substantivo “Pai” - Πάτερ “ἄββα (a transliteração grega de uma palavra aramaica que significa “Pai”)” – é um vocativo “(isto é, uma forma usada quando alguém se dirige diretamente a outra pessoa)” muito comum em orações, e é usado para chamar pelo nome, ou característica, alguém que está sendo invocado. Era comum para a tradição judaica iniciar uma oração destacando a soberania e o domínio do seu Deus sobre toda a criação. Sem negar tais elementos, mas destacando-os, Jesus inicia a oração chamando Deus de Pai. Para Balz e Schneider (1993, p. 409, *trad. minha*), “ ‘Pai’ não é apenas uma metáfora, mas, assim como seu reinado e sua vontade, faz parte da própria revelação que o filho trouxe do céu. Isto constitui sua diferença do AT e do pensamento rabínico”.

Alguns exegetas sublinham que, através dessa afirmação, Jesus estaria indicando “o cuidado de Deus para com seu povo, mas

também o tipo de relação que ele desejava ver entre nós, uma relação de irmãos, igualitária, horizontal” (LOCKMANN, 1990, p.10). Em outros textos, é “alguém que combina os aspectos de autoridade sobrenatural e de cuidado e ajuda a seu povo” (LOUW; NIDA, 2013, p.127). Outros estudos lexicais destacam a figura do Πάτερ como “originador e governante da raça humana, não só por causa de sua posição, mas também por causa de seu amor e cuidado. [...] A paternidade também pode consistir no fato de que aquele que é chamado de ‘Pai’ é o protótipo de um grupo ou o fundador de uma classe de pessoas” (BAUER, 1987, p.787, *trad. minha*)¹⁵, ou ainda, “como um título de respeito e reverência a alguém que exerce cuidado paternal, autoridade e afeto (ZODHIATES, 1993, p.337, *trad. minha*).

Na sequência, o vocativo é acompanhado do pronome pessoal “nosso” (ἡμῶν) e do substantivo (dativo) “céus” (οὐρανοῖς). Quanto ao pronome, conforme anotou Bromiley (1964, p.171, *trad. minha*), “o uso de ‘nosso’ pode denotar o status de filiação”. A ideia de Bromiley se confirma já que “em muitas línguas, não se pode falar de ‘Pai’ sem dizer de quem ele é Pai, pois alguém se torna Pai em relação a outra pessoa. [...] ‘Pai’ é usado como um título para ‘Deus’

¹⁵ “No AT Deus é chamado de ‘Pai’ em primeiro lugar para indicar uma relação de cuidado para com a nação israelita como um todo, ou para com o rei como a personificação da nação. E somente em escritores tardios Deus é chamado o Pai do israelita piedoso como um indivíduo” (BAUER, 1987, p.787, *trad. minha*).

em seu relacionamento com as pessoas em geral. [então] pode-se dizer ‘nosso Pai’ (usando-se normalmente um pronome de primeira pessoa do plural inclusivo)” (LOUW; NIDA, 2013, p.127).

Já o substantivo céus (οὐρανοῖς) “denota o que está acima [...] uma morada eterna e não feita por mãos humanas [...] de onde Deus governa [...] uma designação do céu se refere, antes de tudo, a um estado, por exemplo, ‘vida lá do alto’” (LOUW; NIDA, 2013, p.5). Para a maioria dos exegetas, não aponta para a localização geográfica do Pai e nem para sua distância ou ausência em relação aos seus filhos. Antes, porém, indica exatamente o que previa um vocativo judaico: a certeza de um Deus que tem o controle sobre todas as coisas. Conforme Lockmann (1990, p.10): “o judeu não afirmava um Deus distante, mas sim soberano, que tudo vê, tudo ouve e atua na vida de seu povo”. Para o autor, a grande prova disso são as petições que seguem no texto da oração.

Ainda sobre as possibilidades de sentido para o substantivo, Thayer (1976, p.480, *trad. minha*) destaca que οὐρανοῖς “imita o hebraico *šāmayim*, equivalente ao universo, o mundo, cuja ideia central indica as alturas e as regiões superiores, em oposição à terra. Uma ordem de coisas eternas e perfeitamente consumadas, onde Deus habita”. Vangemeren (2001, p.165, *trad. minha*), por sua vez, observa a proximidade entre as concepções de οὐρανοῖς no AT e no NT, destacando o fato de que Deus criou o céu e a terra e, por isso, “é o Senhor do céu e da terra”. Por fim, Silva (2014, p.587, *trad. minha*), destaca “a correspondência entre o celestial e o terrestre”,

bastante comum nos escritos mateanos. Além disso, deixa de lado os tradicionais conceitos cosmológicos, comentando a centralidade da afirmação de que “Iahweh criou os céus e a terra, ou seja, todo o universo”. Para o autor, a validade desta proposição respondia à fé, na medida em que descrevia Iahweh como “o Deus ou Rei do céu e da terra”. Após observar a introdução e o vocativo, seguindo o trabalho estrutural proposto por Gama (2010, p.36-37), a partir das sete petições, o texto apresenta-se assim estruturado:

Petição		versos simples
<i>Primeira:</i> pela santificação do nome do Pai		seja santificado o nome teu ἀγιασθήτω τὸ ὄνομά σου
<i>Segunda:</i> pela vinda do reino do Pai		venha o reino teu ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου
versos compostos		
<i>Terceira:</i> para que seja feita a vontade do Pai	seja feita a vontade tua, γενηθήτω τὸ θέλημά σου,	como em (o) céu também sobre (a) terra ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς
<i>Quarta:</i> pelo pão de cada dia	o pão nosso o de cada dia τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον	dá a nós hoje δοῦς ἡμῖν σήμερον
<i>Quinta:</i> pelo perdão de suas dívidas	e perdoa a nós as dívidas nossas, καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν,	como também nós temos perdoado aos devedores nossos ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν
versos simples		
<i>Sexta:</i> para que o Pai não os conduza à tentação		e não conduzas a nós para (a) tentação καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν
<i>Sétima:</i> para que o Pai os livre do maligno (mal)		mas livra a nós de o maligno. ἀλλὰ ρῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ

Ao comentar o arranjo estrutural do texto, Nieto (2001, p.24) sugere que “a primeira petição tem correspondência com a sétima, a

segunda com sexta e a terceira com a quinta. A quarta, que é central, constitui o ponto de coesão; como consequência, teríamos a figura literária denominada ‘inclusão’”. Gama (2010, p.37), por sua vez, indica arranjos bem parecidos, exceção feita a terceira, quarta e quinta petição. Para ele “as petições arranjadas em versos simples [primeira, segunda, sexta e sétima petição] estão compostas numa relação paradoxal”. Sua hipótese é de que “enquanto na correspondência ‘A’, a contraposição para o mal é a santificação do nome de Deus [primeira e sétima petição]; na correspondência ‘B’, o estabelecimento do reino de Deus contrapõe-se à ocorrência da tentação [segunda e sexta petição]”. Já as três petições dispostas em versos duplos [terceira, quarta e quinta petição], “têm-se uma aproximação de conteúdo: perdoar e suplicar pelo perdão das dívidas e ter as necessidades supridas mediante o reconhecimento de que Deus é quem pode providenciar o pão, equivalem-se ao cumprimento da vontade do Pai”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert. KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Eerdmans Pub Co, 1993.

BAUER, Walter *et al.* **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento.** Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.

BETZ, Hans Dieter.

The Sermon on the Mount: a commentary on the Sermon on the Mount, including the Sermon on the Plain (Matthew 5,3-7:27 and Luke 6,20-49) (Hermeneia). Minneapolis, MN, Fortress Press, 1995.

BROMILEY, Geoffrey William. **Theological dictionary of the New Testament.** Wm. B. Eerdmans Publishing, 1964.

CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus: Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens.** Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

DUMAIS, Marcel. **O Sermão da Montanha: Mateus 5-7.** Tradução de José Maria da Costa Villar. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014.

GABEL, John. WHEELER, Charles. **A Bíblia como literatura.** 2.ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003.

GAMA, M. G. G. **O perdão das dívidas na oração do Pai Nosso.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.

JEREMIAS, Joachim. **Estudos no Novo Testamento.** Tradução de Itamir Neves de Souza e João Rezende Costa. Santo André: Academia Cristã, 2006.

JEREMIAS, Joachim. **O Pai Nosso: a oração do Senhor.** 3.ed. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1979.

LEONEL, João. **Mateus, o Evangelho.** São Paulo: Paulus, 2013.

LIMA, Anderson de Oliveira. **Introdução à Exegese: um guia contemporâneo para a interpretação de textos bíblicos.** São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

LOCKMANN, Paulo. Perdoa-nos as nossas dívidas: uma meditação sobre a oração: uma forma de luta e resistência à opressão. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, nº 5-6, Petrópolis: Vozes, 1990, p.7-13.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MORRIS, Leon. **The Gospel According to Matthew**: The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992.

NIETO, Evaristo Martín. **Pai Nosso**: a oração da utopia. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 2001.

RODRIGUES, Maria Paula (Org.). **Palavra de Deus, palavra da gente**: as formas literárias na Bíblia. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Moisés (Ed.). **New international dictionary of New Testament theology and exegesis**. Zondervan, 2014.

THAYER, Joseph Henry. **Thayer's Greek-English lexicon of the New Testament**. Associated Publishers and Authors, 1976.

VANGEMEREN, Willem A. **New international dictionary of Old Testament theology and exegesis**. Michigan: Grand Rapids, 2001.

VIELHAUER, Philip. **História da literatura cristã primitiva**: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2005.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 4.ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

ZABATIERO, Júlio. **Manual de Exegese**. São Paulo: Hagnos, 2007.

ZEILINGER, Franz. **Entre o céu e a terra**: comentário ao Sermão da Montanha (Mt 5-7). Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2008.

ZODHIATES, Spiros. **The Complete Word Study Dictionary: New Testament** - ed. rev. Chattanooga, TN: AMG, 1993.

ABSTRACT

This article addresses some elementary aspects regarding literary issues about the Lord's Prayer in the Gospel of Matthew. These questions should serve as a contribution to future exegetical studies from a literary approach that considers the Literary Context present in Matthew's writings, as well as issues of Literary Genre, finally arriving at issues of Delimitation, Segmentation, and Structuring of the pericope of Prayer: Matthew 6:9-13. The chosen excerpt for the intended observations, until arriving at the Prayer that the Lord Jesus taught, starts from the Sermon on the Mount, especially regarding (1) Literary Context: Sermon on the Mount and Chapter 6 of Matthew; and to (2) Literary Genres: Literary Genres found in the Sermon on the Mount and the Lord's Prayer. In detailing the Prayer, observations, and notes are made exclusively on the five verses that compose it. At the same time, it is worth mentioning that the initial sentence does not belong to the scope of the article: ("Therefore, you will pray like this" [v.9]); and the final sentence: ("...for yours is the kingdom, the power and the glory forever. Amen!" [v.13]).

KEYWORDS

Lord's Prayer, Gospel of Matthew, Literary Exegesis